

# Capítulo I

## Microeconomia

A economia é o estudo sistemático da atividade humana, naquilo que tem valor, isto é, a análise do que é produzido, de que modo é produzido, por quem é produzido e para quem. A própria palavra “economia” tem sua origem no grego, com o significado de “administração do lar”.

Se o foco é “naquilo que tem valor”, isso por definição exclui certos elementos que estão livremente disponíveis. Um balde de água salgada a bordo de um navio no meio do oceano é provavelmente algo pelo qual dificilmente alguém pagaria algum preço. Já o mesmo não acontece, por exemplo, com alimentos, automóveis ou petróleo. Ou um balde de água não salgada numa área desértica.

O objeto de análise econômica está, portanto, diretamente associado à noção de escassez. E se há escassez, isso se reflete em preço. A matéria-prima da análise econômica é sempre a relação entre preço e quantidade.

Outra dimensão básica para se entender a lógica econômica é ter presente que os economistas sempre procuram racionalizar o objeto de análise, elaborando “modelos”, que a seu ver representam da melhor maneira, e de forma simplificada e inteligível, o processo ou o fenômeno que buscam avaliar.

No processo de elaboração desses modelos, uma condição fundamental sempre presente é a suposição de que os chamados “agentes econômicos” (isto é, os indivíduos, as empresas, o governo, o resto do mundo) são “racionais”, isto é, existe uma lógica – identificável – na maneira como eles distribuem seus gastos, dentro de suas limitações orçamentárias, de modo a obter um grau máximo de satisfação.

Existe, portanto, uma dimensão psicológica subjacente à análise econômica. Alguns ramos da economia têm explorado de forma crescente, nos últimos anos, o que se chama de “economia comportamental”. Não precisamos chegar a tanto, aqui. Basta o registro de que as decisões dos agentes econômicos obedecem a certos estímulos.

Essa suposição de que existe um *Homo economicus*, que reage da mesma forma aos estímulos, em qualquer lugar do mundo e a qualquer momento, é uma das responsáveis pela



menor ênfase, nas últimas décadas, ao estudo do processo de desenvolvimento econômico e social. Este – ao menos da forma como foi formulado, nas décadas que se seguiram à Segunda Grande Guerra – partia da suposição de que a níveis distintos de renda *per capita* correspondem características diferentes, em termos de padrões de demanda, estruturas produtivas, arcabouço institucional e outros atributos.

A partir do momento em que se homogeneiza o comportamento dos agentes econômicos, aquela forma de raciocinar perde sentido. O foco passa a ser mais direto no comportamento individual de cada agente e das circunstâncias que o rodeiam. Dadas tais características e sob estímulo de um tipo determinado, a reação dos agentes passa a ser previsível e passível de simplificação e previsão em modelos.

Isso explica por que a teoria econômica tem se aproximado da psicologia, a ponto de recentemente um dos agraciados com o Prêmio Nobel de Economia ser um psicólogo. Passou a ser fundamental – sobretudo nestes tempos de importância ampliada dos movimentos no mercado financeiro – identificar como os indivíduos tendem a reagir a determinados estímulos.

O estudo da economia se caracteriza por essa maneira de entender os fenômenos, seja em termos de agregados, para o conjunto da economia, tema da macroeconomia, seja no que concerne aos agentes econômicos,

foco da microeconomia, que é o que nos interessa neste capítulo.

A microeconomia é a ferramenta que permite analisar as decisões dos agentes econômicos individuais ou em pequenos grupos, a relação entre eles, a relação entre cada agente e o processo de geração de riqueza num dado sistema econômico, as consequências – sobre a produção e o nível de preços – de se ter um número grande de empresas ofertando itens parecidos, em comparação com a alternativa de mercados com poucos ofertantes, os determinantes do nível de remuneração dos trabalhadores e do retorno auferido pelos empresários em circunstâncias distintas, etc.

Uma última observação nestes parágrafos introdutórios é que as relações entre esses entes considerados ocorrem em algo que se convencionou chamar de “mercado”, e por meio de “sinais de preços”. O mercado não é, evidentemente, um local fisicamente identificável, exceto em alguns casos particulares, como as bolsas de valores ou as bolsas de mercadorias. Mas, em sentido amplo, o mercado é o conjunto das transações econômicas entre os agentes. Há transações que são feitas, por exemplo, via mensagens computadorizadas, ou mesmo por telefone. E elas ocorrem aos milhões, a cada dia.

O “farol” do mercado é o conjunto de preços da economia. São os preços que sinalizam, por exemplo, a um potencial investidor, que num determinado país em dado



